

“Bom é ser do Rio”: aspectos sobre a trajetória musical de João Leal Brito na cidade do Rio de Janeiro (1941-1954)

*“Bom é ser do Rio”: aspectos sobre la trayectoria musical de João Leal
Brito en la ciudad de Rio de Janeiro (1941-1966)*

Vinicius Carvalho Veleda¹

Orientador Jonas Moreira Vargas²

Resumo

O seguinte trabalho visa estudar a trajetória musical do pianista e maestro João Adelino Leal Brito, mais conhecido como “Britinho”. Este músico nasceu na cidade de Pelotas em 1917 e faleceu em 1966, aos 49 anos de idade. João Brito iniciou a carreira em sua terra natal em 1935, atuando na rádio Cultura; no ano seguinte 1936, até meados de 1938, migrou para a capital gaúcha Porto Alegre, enquanto contratado da rádio Farrroupilha; foi para a capital paulista em 1939 e atuou em diversas rádios e boates; somente em 1941 mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, e nesta cidade permaneceu até seu falecimento. Seu primeiro contrato no Rio foi como pianista na orquestra do maestro Napoleão Tavares. Formou seu próprio conjunto em 1944, mesmo período em que atuou nas rádios Globo e Tupi. A partir da década de 1950 lançou quantidade expressiva de discos; mas também foi líder de banda junto as orquestras que tocavam nas noites do Rio, mais precisamente nas luxuosas boates da Zona Sul, situadas em Copacabana. Para fins deste resumo expandido, trabalharemos com a trajetória de Britinho a partir da cidade do Rio de Janeiro, até 1944, período em que foi contratado pela boate Casablanca. Este resumo integra uma pesquisa de mestrado em História desenvolvida para o Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pelotas.

Palavras-Chave: Boates; Identidades; João Leal Brito; Música brasileira; Trajetória

Resumen

El siguiente trabajo pretende estudiar la trayectoria musical del pianista y maestro João Adelino Leal Brito, más conocido como "Britinho". Este músico nació en la ciudad de Pelotas en 1917 y falleció en 1966, a los 49 años de edad. Juan Brito inició su carrera en su tierra natal en 1935, actuando en la radio Cultura; en el año siguiente 1936, hasta mediados de 1938, emigró a la capital gaúcha Porto Alegre, como contratado de la radio Farrroupilha; fue a la capital paulista en 1939 y actuó en diversas radios y clubes nocturnos; sólo en 1941 se mudó definitivamente a Río de Janeiro, y en esta ciudad permaneció hasta su fallecimiento. Su primer contrato en Río fue como pianista en la orquesta del maestro Napoleón Tavares. Formó su propio conjunto en 1944, mismo período en que actuó en las radios Globo y Tupi. A partir de la década de 1950 lanzó una cantidad expresiva de discos; pero también fue líder de banda junto a las orquestas que tocaban en las noches de Río, más precisamente en las lujosas discotecas de la Zona Sur, situadas en Copacabana. Para fines de este resumen ampliado, trabajaremos con la trayectoria de Britinho desde la ciudad de Río de Janeiro, hasta 1944, período en que fue contratado por la discoteca Casablanca. Este resumen integra una investigación de maestría en Historia desarrollada para el Programa de Post-Graduación en Historia, de la Universidad Federal de Pelotas.

Palabras clave: Boates; Identidades; Juan Leal Brito; Música brasileña; Trayectoria

¹ Mestrando em História; Universidade Federal de Pelotas; Pelotas; Rio Grande do Sul; Brasil; veledavinicius@gmail.com

² Doutor em História; Universidade Federal de Pelotas; Pelotas; Rio Grande do Sul; Brasil; jonasmvargas@yahoo.com.br

1 – Introdução

No ano de 1965, já no final de sua carreira, o pianista, maestro e compositor popular João Brito lançou o samba em parceria com o também compositor Fernando César intitulado: “Bom é ser do Rio”. Já na primeira frase da canção podemos ouvir: “terra igual não há ao Rio”, em uma explícita exaltação à cidade do Rio de Janeiro.

João Adelino Leal Brito, tornou-se conhecido apenas como “Britinho”, ou ainda “Leal Brito”. Ele nasceu no extremo sul do Brasil, mais precisamente na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, em maio de 1917 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em setembro de 1966.

Britinho adveio de uma família de músicos. Seu pai, João Adelino Campos de Brito; o tio, Henrique Brito e o irmão, Rubens Leal Brito, também se dedicaram a música profissionalmente na cidade de Pelotas. João Campos foi professor particular de piano e também professor na Sociedade Musical União Democrata, entre finais dos anos de 1910 e 1930; Henrique integrou a orquestra da rádio Cultura de Pelotas entre os anos de 1930 e 1940; seu irmão, nascido em 1913, Rubens, também foi reconhecido pianista, sobretudo seus choros e valsas, escritos durante a década de 1940. Rubens iniciou a carreira no mesmo período do irmão, João Adelino, na rádio Cultura de Pelotas em 1935; todavia, já no ano seguinte, Rubens foi contratado pela rádio Gaúcha, de Porto Alegre; por volta de 1939 foi contratado para ser pianista na Rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro.

A carreira de João Brito foi curta em sua terra natal. Assim como seu irmão, Rubens, ele mudou-se para Porto Alegre em 1936. Entretanto, João foi integrar o *cast* da rádio Farrroupilha até meados de 1939. Neste mesmo ano mudou-se para a cidade de São Paulo, atuando em diversas rádios e boates.

Em 1941 transferiu-se para o Rio de Janeiro, sendo contratado primeiramente para atuar como pianista da orquestra do maestro Napoleão Tavares. Formou seu próprio conjunto anos mais tarde, em 1944. Durante os meados dos anos de 1940 trabalhou ainda nas rádios Globo e Tupi e fez arranjos para a rádio Nacional. Na década de 1950 passou a investir na carreira fonográfica; junto a carreira nos discos Britinho seguiu a carreira de “pianista da noite”, tornando-se popular músico das boates situadas na Zona Sul do Rio, mais precisamente na praia de Copacabana. Trabalhou em boates como Perroquet, Vogue e Casablanca, entre outras. Contudo, a boate onde Britinho tornou-se mais conhecido foi o Casablanca, que tinha como proprietário o influente Carlos Machado. Nesta boate, Britinho foi orquestrador e arranjador dos espetáculos realizados entre 1952 e 1956.

Após sair da boate Casablanca, Britinho destinou sua carreira quase que exclusivamente a produção fonográfica, trabalhando apenas de forma esporádica em boates, clubes, festas de formatura, dentre outros eventos. Entre 1951-1965 o músico trabalhou em pelo menos 120 discos por diversas gravadoras. Lançou 66 discos como artista principal, mas também foi, em discos com outros artistas, pianista, arranjador, orquestrador ou maestro. Uma questão importante em sua discografia é o fato dele utilizar diversos pseudônimos em suas gravações, tais como: Pierre Kolmann, Franca Villa, Tito Romero, Miriam Presley, Jone Braith (que por vezes também aparece como John Britt), dentre outras denominações.

O presente trabalho integra a pesquisa de mestrado (2016-2018) intitulada: “A vida é um samba: a trajetória do pianista João Leal Brito – “Britinho” (1917-1966)”, realizada para o Programa de pós-graduação em História (PPGH) da Universidade de Pelotas. Contudo, este resumo expandido, abordará somente a trajetória de João Brito na cidade do Rio de Janeiro, entre 1941-1954, ou seja, do período que chegou ao Rio, até o período que se dedicou às noites cariocas, mais precisamente nas boates. A primeira boate no Rio de Janeiro onde Britinho atuou foi o Perroquet; nesta boate além de pianista, liderou a orquestra. Neste mesmo

ano, passou ainda pela famosa boate Vogue, situada no Leme, em Copacabana, atuando como pianista. Mas foi na boate Casablanca que Britinho tornou-se conhecido no meio artístico carioca. Nesta boate foi o responsável pela contratação dos músicos do conjunto, além de ser o orchestrador dos espetáculos, também conhecidos na época como “teatro da madrugada”, ou ainda “teatro de revista da madrugada”. No Casablanca participou dos seguintes espetáculos: “Como é diferente o amor em Portugal” em 1952; “Feitiço da Vila” e “Acontece que sou baiano” (estrelando Dorival Caymmi), ambos em 1953; “Esta vida é um carnaval”, “Madame Satã”, “Quo Vadis” e “Este Rio moleque”, todos em 1954. Este tipo de espetáculo foi desenvolvido por Carlos Machado, conhecido como “*El rey de la noche*”; neles eram aliados o teatro e a música a um contexto literário, que geralmente abordava um tema nacional como o samba, o carnaval, ou ainda alguma personalidade de vulto da música brasileira, como por exemplo Noel Rosa (Feitiço da Vila) e Dorival Caymmi (Acontece que eu sou baiano).

2. Metodologia

Como metodologia, utilizaremos os estudos que se aproximam da chamada “História nova da música”, desenvolvida primeiramente por Arnaldo Daraya Contier (1991) e seguida por autores como Marcos Napolitano (2005) e José Vinci de Moraes (2010). Empregaremos ainda aqueles referenciais teóricos relacionados com o estudo de trajetórias e biografias históricas, entre os autores estão: Pierre Bourdieu (2006), Giovanni Levi (2000 e 2006), François Dosse (2009) e Benito Schmidt (2004). Por fim, utilizamos aqueles trabalhos que estudam uma trajetória ou biografia onde o personagem estudado é um músico – cantor ou instrumentista. São obras como: Alcir Lenharo (1995), Márcia Ramos de Oliveira (1995), Maria Izilda Matos (2005) e Sérgio Estephan (2011).

Para estudar a trajetória de Britinho utilizaremos como fontes: os discos lançados pelo pianista entre os anos de 1951-1966 (120 discos); as músicas de sua autoria (72); as matérias de jornais que o citam, sobretudo aquelas oriundas da imprensa periódica nas cidades de Pelotas, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro; e ainda as fotografias, anúncios de boates e anúncios de rádio.

3. Resultados e Discussão

“Boite”... teoricamente é o lugar onde o grã-fino se diverte, praticamente é um botequim de luzes apagadas, medicinalmente é um excelente local para intoxicações, quer estomacais, quer intestinais, comercialmente é um grande negócio e geograficamente é uma pista de dança cercada de mesas por todos os lados... se dividem – tal como as costelas – em fixas, falsas e flutuantes. Fixas são aquelas ligadas a hotéis e, por isso mesmo, tanto faz dar lucro como prejuízo que está sempre funcionando... As flutuantes são aquelas que abrem na raça e depois o proprietário vê que o rebolado é diferente e então fecha... Finalmente as falsas são aquelas abertas com o rótulo de “boites”, não passam de espeluncas³.

O termo “*boîte de nuit*” surgiu na França em meados dos anos de 1930. A palavra “*boîte*” significa “caixa” e “*nuit*” significa “noite”. “*Boîte de nuit*” constituía então em uma casa noturna com o interior à meia-luz, destinada para jantar, conversar e dançar. No interior dessas casas dava-se a sensação de ser sempre noite, pois não possuíam janelas voltadas para

³ PRETA, Stanislaw Ponte. Reportagem de bolso. Última Hora, Rio de Janeiro, 21 maio 1956, *apud*, MESQUITA, 2008, p. 115.

o exterior. Os horários de funcionamento começavam a partir das sete da noite, indo madrugada adentro, até o início da manhã. Era ainda aonde os casais tinham liberdade para namorar, conversar em sussurros, dançar de rosto colados. A música ambiente era geralmente comandada por um pianista ou saxofonista; mas junto a eles, também haviam cantores e cantoras que interpretavam canções românticas. As mulheres só podiam ir acompanhadas por um homem. A vestimenta para os homens era o terno e gravata e as mulheres o vestido de grife famosas. Cobrava-se uma consumação mínima para entrada, além do *couvert* artístico. O termo “*boîte de nuit*” foi simplificado somente a “*boîte*” em meados dos anos de 1940, diferenciando-se das expressões já conhecidas: *night-club*, cabaré, bistrô, café, piano-bar, *supper-club*, entre outros (CASTRO, 2015, pp. 30-2; MATOS, 2005, pp. 33-55).

Em 1938, ainda na fase áurea do jogo, nas dependências do Copacabana Palace à beira mar, existiu o Golden Room. Um local refinadíssimo onde haviam shows para a elite carioca e para as estrelas que se hospedavam na parte do Copa Hotel. E em 1943 a poucos metros dali, também nas dependências do Copacabana Palace abriu o Meia Noite; ambas casas noturnas mais o hotel pertenciam a Octavio Guinle. O Meia Noite dedicou-se mais a shows musicais e havia para isto uma orquestra fixa contratada para atuar diariamente. Foi neste local que surgiu o termo francês “*boîte de nuit*”, para designar um local pequeno, intimista e escuro – aonde podia-se ouvir música romântica, dançar, beber (uísque) e paquerar ao som de um piano com uma pequena orquestra. (CASTRO, 2015, p. 32). Já em 1947 abriram inúmeras boates em Copacabana, a maioria delas concentrada na região do Leme, entre: Monte Carlo, a reconhecidíssima Vogue, do austríaco Barão Von Stuckart, Chez Aimeé, Tasca, entre inúmeras outras. Os frequentadores dessas boates eram chamados de “*café-society*”, entre artistas, músicos, boêmios, compositores, jornalistas, mas também políticos, proprietários de grandes empresas, industriais, comerciantes ricos e senhoras da “alta roda” carioca. As boates empregaram muitos daqueles músicos dos cassinos e ainda possibilitou um alargamento da demanda dos mesmos.

A primeira boate do Rio de Janeiro que possuímos indícios aonde Britinho atuou entre as atrações principais foi a Perroquet, situada no Posto 6 de Copacabana. Provavelmente ele foi contratado por este estabelecimento no início de 1952, juntamente com o também pianista Djalma Ferreira e a *crooner* Helena de Lima. Britinho e Djalma eram também líderes de banda e cada um chefiava uma pequena orquestra que se revezava para acompanhar Helena de Lima durante o itinerário. Abaixo podemos ver uma matéria sobre a inauguração da boate:

Dentro de poucos dias será inaugurada, em Copacabana, a mais elegante “boite” do Rio de Janeiro. Trata-se da “Perroquet”, situada na Galeria Alaska, no Posto 6, possuidora de uma decoração inédita e suntuosa. Uma floresta cheia de araras e papagaios, parecendo mesmo, um dos famosos quadros do notável Walt Disney, criação do cenógrafo Souza Mendes.

“Perroquet” será uma “boite” diferente das outras tendo sempre números variados para seus frequentadores, inclusive no chá que será realizado todos os dias das 17 às 19 horas. Lá estarão as orquestras de Djalma Ferreira e **Britinho**, com a “*lady-crooner*” Helena de Lima. Coelho, antigo mestre do Cassino da Urca orientará, com sua técnica e trabalho profícuo garçons daquela casa de espetáculos cuja direção geral está entregue a competência de Jaime Redondo que reeditará em Copacabana todos aqueles sucessos apresentados nos áureos tempos do Cassino Icaraí⁴.

Neste primeiro período de 1952 Britinho aparece esporadicamente nos periódicos da cidade do Rio de Janeiro, principalmente entre as boates Perroquet e Vogue. Mas foi na boate

⁴ A NOITE, Rio de Janeiro, 18 de mar. 1952. (Grifo nosso).

Casablanca que ele teve mais liberdade. Coube ao pianista/ maestro organizar as questões musicais da casa, além de escolher os integrantes para a banda que comandaria durante as apresentações da Casablanca. Todos os músicos selecionados por Britinho eram também famosos dentro da boêmia noite carioca; além disso possuíam larga experiência em seus instrumentos. Entre estes músicos estavam: o violonista Bola Sete, K-Ximbinho e Francisco Scarambone.

Britinho foi contratado pela boate Casablanca em agosto de 1952 e por lá permaneceu até o final do ano de 1954. Por esta casa noturna participou dos seguintes espetáculos: “Coisas e graças da Bahia” (entre agosto e dezembro de 1952); “Como é diferente o amor em Portugal” (entre março e maio de 1953); “Feitiço da Vila” (entre junho e agosto); “Acontece que eu sou baiano”; “Esta vida é um carnaval” (entre novembro e dezembro); “Satã dirige o espetáculo” (entre maio e agosto de 1954) e, por fim, “Este Rio moleque” (entre outubro e dezembro do mesmo ano). No período em que a boate Casablanca da Praia Vermelha esteve sob arrendamento de Carlos Machado, Britinho figurou, sem dúvida, entre as grandes atrações da casa, além de organizar a orquestra da boate e participar ativamente dos ensaios.

Mas não foram apenas Machado e Britinho, outros nomes como: o ator Grande Otelo, a figurinista Gisela Machado, os músicos Pernambuco e Bené Nunes, os redatores de espetáculos Fernando Lobo, Paulo Soledade e Antônio Maria – também trabalharam fortemente, na maioria dos espetáculos organizados por Machado, e com ele ajudaram a para consolidar o nome da boate Casablanca entre os principais pontos de encontro do *high-society* carioca.

4. Conclusões

A partir destes shows, portanto, Britinho passou a ser reconhecido líder de banda, pianista, regente, maestro e arranjador da Capital Federal. Contudo, a partir de 1951, o pianista passou a investir também na carreira fonográfica, trabalhando em centenas de discos, por diversas gravadoras. O Rio de Janeiro, como vimos, a partir do início do século XX, tornou-se um dos principais centros para quem almejava trabalhar dentro do circuito artístico, como por exemplo músicos e cantores, pois ali estavam as grandes emissoras de rádio do período, como: Mayrink Veiga, e, depois, Nacional e Tupi. Além disso, no Rio estavam sediadas boa parte das gravadoras, das fábricas de disco. Os músicos e cantores em meados deste século podiam empregar-se também em cassinos, boates, gafieiras, dancings, teatro de revista, bailes promovidos por clubes sociais ou esportivos (formaturas, aniversários, casamentos, debutantes), entre outras atrações.

Referências

A NOITE, Rio de Janeiro, 18 de mar. 1952. (Grifo nosso).

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 183-92.

CASTRO, R. *A noite do meu bem: a história e as histórias do samba-canção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CONTIER, A. D. Música no Brasil: História e Interdisciplinaridade. Algumas interpretações (1926-80). In: *Anais do XVI Simpósio da Associação Nacional dos Professores de História/*

ANPUH/ *História em Debate: problemas temas e perspectivas*. Rio de Janeiro, 22 a 26 de junho de 1991.

DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da USP, 2009.

ESTEPHAN, S. Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto (1915-1955) e a Era do Rádio no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, n. 43, pp. 161-83, dez. 2011.

LENHARO, A. *Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

LEVI, G. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 167-82.

MATOS, M. I. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MESQUITA, C. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

MORAES, J. G. V.; SALIBA, E. T. (Orgs.). *História e música no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2010.

NAPOLITANO, M. *História & Música: história cultural da música popular*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, M. R. *Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos*. 1995. 262 p. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.

SCHMIDT, B. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.